
Folkcomunicação, identidade e religiosidade popular: O grupo Fandango Batido de São Gonçalo de Cananéia-SP

Folkcommunication, identity and popular religiosity: The Fandango Batido group of São Gonçalo of Cananéia-SP

RENATA CASTRO CARDIAS KAWAGUCHI¹

Resumo: O presente trabalho apresenta as inter-relações entre comunicação e cultura, em especial às comunidades caiçaras que habitam o município de Cananéia, litoral sul do Estado de São Paulo. Como objeto de estudo, analisa o grupo de Fandango Batido de São Gonçalo, que vem se destacando desde 2005 no contexto local. O fandango caiçara está ligado à organização do trabalho coletivo, assim como está presente na religiosidade popular, principalmente à louvação a São Gonçalo, onde é representado como pagamento de promessas. Por intermédio de pesquisa bibliográfica, apresenta-se as contribuições de alguns pesquisadores dos Estudos Culturais, tais como Raymond Williams, Stuart Hall, Edward Said e do Pensamento Latino-americano através das contribuições de Luiz Beltrão, Nestor Garcia Canclini, José Marques de Melo, em relação a permanência das “culturas tradicionais” na contemporaneidade, assim como na construção de processos comunicacionais presentes nas interações culturais-religiosas. Enquanto resultado parcial da pesquisa, verificamos que o Fandango, à partir do grupo estudado, é fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural e religiosidade, caracteriza-se como um elemento folkcomunicacional intercomunitário, pois possibilita o tecer de redes de sociabilidade, configuradas pelos sentimentos de pertença, coletividade e participação.

Palavras-Chave: Folkcomunicação. Globalização. Hibridismo. Identidade. Resistência cultural.

Abstract: This paper presents the interrelations between communication and culture, in particular the so called *caiçara* (fishermen) communities that inhabit the city of Cananéia, south coast of São Paulo. As object of study, analyzes the *Fandango Batido* Group of São Gonçalo, which has been increasing since 2005 in the local context. The *caiçara fandango* is connected to the collective work organization, and is present in popular religiosity, mainly to praise the Gonçalo Saint, which is represented as a payment promises. Through literature, presents the contributions of some researchers of Cultural Studies such as Raymond Williams, Stuart Hall, Edward Said and the Latin American Thought from the contributions of Luiz Beltrão, Nestor Garcia Canclini, José Marques de Melo, regarding the permanence of “traditional cultures” in contemporary as well as in the

1. Bacharel em Turismo e Mestre em Comunicação pela UNIP (Universidade Paulista), Especialista em Gestão Cultural pelo SENAC-RJ, Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista – UMESP). E-mail: rcardias@gmail.com.

construction of communication present cases in cultural - religious interactions. While partial result of the research, we found that the *Fandango*, for the studied group, it is essential for the construction and affirmation of cultural identity and religion, is characterized as an intercommunity folk communicational element because it enables the weaving of social networks, set up by feelings of belonging, community and participation.

Keywords: Folkcommunication. Globalization. Hybridism. Identity. Cultural Resistance.

INTRODUÇÃO

O PRESENTE TRABALHO desenvolveu-se à partir de indagações sobre comunicação e cultura, ao nos referirmos em especial às comunidades caiçaras, mais precisamente aquelas que habitam o município de Cananéia localizado na região do Vale do Ribeira no Estado de São Paulo: O que sabemos dessas comunidades? Como mantém sua identidade e suas tradições? Como desenvolvem seus processos comunicacionais?

O mosaico identitário brasileiro é formado também pelas comunidades “tradicionais”, que possuem como base de sua estrutura sociocultural: a natureza. Porém essas populações foram e são atualmente marginalizadas política e economicamente. Embora, mesmo tendo pouca presença nas grandes mídias, desenvolvem meios de comunicação mais rústicos para estabelecerem suas trocas culturais.

Nesse sentido, o trabalho busca analisar como a folkcomunicação está inserida nos processos de interações sociais das comunidades caiçaras de Cananeia, presente na sua cultura principalmente nas expressões da religiosidade popular e também no Fandango, onde destaca-se o grupo Batido de São Gonçalo.

No Brasil são muitas as manifestações culturais oriundas da rica diversidade presente em nosso território, formas e expressões folclóricas seculares, configuram o nosso fértil calendário de festas tradicionais. Essas manifestações de caráter popular revelam aspectos importantes na comunicação de muitos municípios e regiões, pois mobilizam a comunidade nos espaços aonde se manifestam, provocam uma maior interação e articulação social.

AS INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

Ao iniciarmos nossas reflexões acerca do tema proposto neste trabalho, é importante considerar a complexidade do conceito cultura, o que implica à nós pesquisadores e estudiosos associa-lo não apenas no singular, mas também no plural. A cultura é concebida e manifestada partir dos contextos sociais. Raymond Williams, um dos membros fundadores dos Estudos Culturais britânicos, contribuiu significativamente para o debate e ampliação da temática cultura opondo-se ao conceito elitista, considerando também sua vertente oriunda das camadas populares no livro *Marxismo e Literatura*. Cultura para Williams é (1979, p.23) “(...) um processo social fundamental que modela modos de vida específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social comparativo de cultura e de seu plural, já agora necessário, de culturas”. O autor aponta a cultura como uma experiência ordinária, que designa os significados comuns a uma sociedade

humana, abarcando seus modos de vida e suas produções intelectuais e artísticas, considerando também os meios de comunicação.

Concordando como William, Stuart Hall outro expoente do *Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, na sua obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2008) afirma que a cultura se entrelaça a todas as práticas sociais e essas práticas se referem às experiências adquiridas, suas inter-relações e condições históricas. O autor apresenta que há duas maneiras de conceituar cultura

A primeira relaciona cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns. Essa definição recorre à ênfase primitiva sobre as “ideias”, mas submete-a a todo um trabalho de reformulação. (...) a segunda ênfase é mais deliberadamente antropológica e enfatiza o aspecto da “cultura” que se refere às práticas sociais. (HALL, 2008, p.126-127).

As interações sociais entre comunicação e cultura fazem parte da relação homem-sociedade, estabelecem representações simbólicas e visões de mundo. As diferentes manifestações culturais vão além de um modo de vida, refletem ações e reações entre grupos diversos, ou seja, ser e estar na sociedade implica estabelecer relações de alteridade, portanto, podemos dizer que essas dinâmicas culturais se caracterizam não só pelas trocas sociais entre sujeitos e grupos, mas também pela luta, confronto e tensões sociais.

No atual contexto global, não há como ignorar a forte relação entre o modelo econômico capitalista e a produção/consumo e perecibilidade de bens e serviços. A hegemonia está presente nos discursos e produtos midiáticos, é caracterizada pela capacidade de um grupo social unificar em torno de seu projeto político um bloco mais amplo não homogêneo, marcado por contradições de classe. O grupo ou classe que lidera este bloco é hegemônico e muitas vezes é organizado e estruturado com interesses unicamente mercadológicos e políticos e podem valorizar ou desprezar determinadas práticas culturais dos demais grupos em um jogo de relações de poder.

A “hegemonia” é um conceito que inclui imediatamente, e ultrapassa, dois poderosos conceitos: o de “cultura” como “todo um processo social”, no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas, e o de “ideologia”, em qualquer de seus sentidos marxistas, no qual um sistema de significado de valores é a expressão ou projeção de um determinado interesse de classe. (WILLIAMS, 1979, p.111)

Como podemos ver o conceito de cultura, também incorpora-se aos conceitos de hegemonia e ideologia, que segundo Williams, à partir das ideias de Gramsci, estão além da ação política. Para o autor a hegemonia se constitui a uma determinada moral, a uma concepção de mundo, assim como exige também um orquestramento de ações de ordem cultural que utiliza-se das diferentes mídias para estabelecer e incorporar mensagens simbólicas, produzindo vivência ideológica (onde significados e valores são produzidos) através de uma realidade prática.

Na contemporaneidade, verificamos que, após um processo intenso de globalização e padronização de usos e costumes, surgem movimentos contrários no sentido de configurar novas e valorizar as identidades locais, Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011), afirma que a globalização

(...) tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (...) Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de tradução.” (HALL, 2011, p.87)

Conforme as ideias apresentadas por Hall, em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Para o autor, a tradução, descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal, retendo fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas negociam com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, portanto estão irrevogavelmente traduzidas.

Em nosso país não é possível definir a cultura e a identidade brasileira como única, é preciso reconhecer a diversidade presente em nosso país como resultado de várias vivências e interculturalidades de muitos outros povos que se estabeleceram em nosso país, em diversas circunstâncias econômicas, políticas e sociais.

Podemos dizer que as interações entre grupos diversos geraram processos híbridos, ocasionados de forma planejada ou como resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e do intercâmbio econômico e comunicacional. Nestor Garcia Canclini, estudioso eminente do pensamento latino-americano, em suas discussões sobre as identidades culturais na obra *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (2006), nos apresenta uma noção de hibridação como um conceito social, versátil para abarcar diversas misturas interculturais como a mestiçagem (entre raças) e o sincretismo (funções religiosas e de movimentos simbólicos tradicionais).

O autor, enfatiza que os entrelaçamentos não ocorrem sem contradições e conflitos, ou seja, podemos dizer que as experiências de hibridação são parte dos conflitos da modernidade latino americana. A hibridação, segundo Canclini não é uma simples mescla de estruturas e práticas sociais discretas, puras, que existem em forma separada, ao combina-las geram novas estruturas e novas práticas, o que podemos denominar de reconversão cultural.

Para o autor latino-americano, a globalização é assimétrica, certas formas de hibridação e resistência presentes na América Latina, são resultados da injustiça social e da relação entre dominantes e dominados, como é o caso das comunidades e povos

tradicionais brasileiros. Os acessos a essas tecnologias não aconteceram de forma igualitária, os meios de comunicação ainda não são acessíveis à toda população mundial, em nosso país é evidente a concentração da produção e transmissão das narrativas da realidade, através dos monopólios e oligopólios, que servem aos grupos hegemônicos, reforçam preconceitos e ferem os direitos humanos

Além da falta de políticas públicas efetivas para a democratização dos meios de comunicação, essas comunidades tradicionais têm vivido uma situação de agravamento em relação às possibilidades de permanência e controle de seus territórios, constantemente são ameaçadas por pecuaristas, incorporações imobiliárias ou até mesmo o autoritarismo ambiental por parte do Estado. As comunidades tradicionais, assumem uma postura de enfrentamento e criam meios de comunicação rústicos para se fazerem presentes e resistirem e lutarem pela sua cultura e também pelo seu território.

Essas populações travam lutas contra as formas de dominação contemporânea citadas anteriormente, as articulações e pressões de grupos hegemônicos são consideradas as “novas roupagens” do imperialismo, termo usado conforme Eduard Said em *Cultura e imperialismo* (2011), para

(...) para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; “o colonialismo”, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes. (...) Em nossa época, o colonialismo direto se extinguiu em boa medida: o imperialismo, como veremos, sempre existiu, numa espécie de esfera cultural geral, bem como em determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais. Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação (SAID, 2011, p.42-43).

Assegurar o acesso ao território significa para esses povos e comunidades manter vivos a memória, as práticas sociais, os sistemas de classificação e de manejo dos recursos, os sistemas produtivos, os modos de distribuição e consumo da produção. Perante a um panorama desfavorável, essas comunidades resistem e lutam para que sejam inseridas e reconhecidas nos processos de elaboração de bens simbólicos e na circulação e recepção de suas narrativas identitárias. Estabelecem seus próprios meios de comunicação e continuam lutando para bradar suas vozes, serem ouvidos e aceitos de fato.

COMUNIDADES CAIÇARAS DE CANANEIA: HIBRIDISMO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL

De acordo com o Instituto Socioambiental (2013), o Vale do Ribeira está localizado no sul do estado de São Paulo e norte do estado do Paraná, abrangendo a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá. A região destaca-se pelo alto grau de preservação de suas matas e por grande diversidade vegetação, fauna e flora. Seus mais de 2,1 milhões de hectares de florestas equivalem a aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica existentes no Brasil.

Porém não é só a riqueza ambiental que torna a região do Vale do Ribeira singular. Seu patrimônio cultural é rico e diverso, em seu território se encontram o maior número de comunidades remanescentes de quilombos de todo o estado de São Paulo, além de comunidades caiçaras, índios guaranis, pescadores tradicionais e pequenos produtores rurais.

A identidade caiçara é híbrida, fruto da miscigenação entre portugueses, índios e negros acompanha a ocupação litorânea e desenvolvimento econômico nas regiões sul e sudeste e possui como características a combinação da agricultura de subsistência, baseada na mandioca, com a pesca artesanal e com baixo impacto ambiental. Caracteriza-se, portanto, pela relação de interação com a natureza, seus ciclos e recursos renováveis. Tal como a economia, as atividades culturais e sociais são pautadas na organização em torno da unidade familiar, domiciliar ou comunal.

Segundo Diegues (2001, p.4) as comunidades caiçaras à partir da década de 1960 viram o seu território reduzir pelas novas formas de imperialismo representada especulação imobiliária e pela transformação de seu espaço em áreas protegidas pelo Estado através da proibição do cultivo de subsistência. Os caiçaras, à partir do início da década de 1980, começaram reconstruir sua identidade no sentido de resistência e lutam atualmente contra o mercado imobiliário e o autoritarismo ambiental que não respeitaram seu direito às suas terras e modo de vida.

No município de Cananéia cerca de 30 comunidades caiçaras se dedicam prioritariamente à produção camaroeira por meio de pesca em canal e mar aberto.

O termo caiçara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caa-îçara*, que era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Com o passar do tempo, passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia e posteriormente, passou a ser o nome dado a todos os indivíduos e comunidades do litoral dos Estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Para Diegues, pesquisador exímio do Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras da Universidade de São Paulo,

A cultura caiçara é aqui definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientamos indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança e rituais religiosos. ...) (DIEGUES, 2004, p.22)

Ao nos referirmos as comunidades tradicionais como as caiçaras, a tradição é compreendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura contemporânea são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida. O autor afirma que na cultura caiçara

Essa tradição herdada dos antepassados, é constantemente reatualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é por meio dessas últimas que são interpretados os fenômenos naturais. (DIEGUES, 2004, p.22-23).

A identidade cultural pode ser entendida como um conjunto de valores, visões do mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, como no caso da cultura caiçara, que orientam os indivíduos em suas relações com a natureza e com outros membros da sociedade e que se expressam também em manifestações materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos) associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes com o sítio, a praia e o mar.

Nas comunidades caiçaras as relações entre o homem e a natureza apresentam duas formas de apreensão da realidade e do imaginário: uma empírica: técnica, racional, através do acúmulo dos saberes botânicos, zoológicos e ecológico e etnotecnológico e outra simbólica, mitológica e mágica. Essas formas são praticadas unicamente, de acordo com Eliade (1991), o espaço e o tempo são os mesmos e ao mesmo tempo diferente, as formas de representação e expressão cultural do modo de vida caiçara está ligada a representação simbólico do cíclico: tudo nasce, morre, renasce.

As representações simbólicas de sua cultura caiçara estão unidas aos sinais dos ciclos, dos ritmos lunares: criação (lua nova); crescimento (lua crescente, lua cheia); Morte (lua minguante). A lua determina as marés, conseqüentemente a pesca, as atividades agrícolas (plantio/colheita), assim como é representada em sua religiosidade popular, esta última, pautada pelo misticismo e sincretismo da ligação entre o sagrado e o profano, assim como apresenta heranças de um catolicismo ibérico associado às fortes influências de elementos das religiões de matriz africana.

O FANDANGO CAIÇARA: ASPECTOS FOLKCOMUNICACIONAIS E RELIGIOSIDADE POPULAR

A vertente popular da cultura não ficou parada no tempo, assimilou as transformações tecnológicas e comunicacionais que não a condenaram à destruição e sim proporcionaram de alguma forma a sua ressignificação. Relacionam-se o global e o local, assim como as questões entre espaço e identidade. Nessas dinâmicas contemporâneas possibilitam-se diferentes experiências comunicacionais. Para Cristina Schimdt, a cultura popular

Para o meio acadêmico e político, principalmente, adquire valor comunicacional, uma vez que as expressões culturais são tomadas como meio de mobilização e identificação de grupos locais no contexto globalizado, ao que Beltrão (1980) apresenta como um meio próprio e linguagem adequada ao receptor. (SCHIMIDT, 2009, p.1)

Nesse sentido, a Folkcomunicação enquanto teoria toma como objeto de estudo, aspectos da prática cotidiana de grupos marginalizados que criam meios próprios para transmitir seus fazeres e saberes, ou seja, é uma teoria permite verificar e analisar os processos comunicacionais que ocorrem nas manifestações da cultura popular.

A folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. (MARQUES DE MELO, 2008. p.25).

Na cultura caiçara em Cananéia, há diversas expressões do folclore/cultura popular como o Fandango Caiçara e suas comemorações como a Festa de Reis, Festa de Nossa

Senhora dos Navegantes, a Festa do Divino a Procissão de Corpus Christi, entre outras. Essas manifestações remetem-se à religiosidade popular e ocorrem em diversos bairros de Cananéia e são consideradas como fortes e significativos elementos comunicacionais, principalmente no que diz respeito às interações sociais e ativação das relações humanas: às relações entre emissores (quem) e receptores (para); aspectos de permanência e continuidade; organização e desenvolvimento das atividades religiosas e profanas e os vínculos originados com os meios de comunicações sejam eles locais ou não.

Para Marques de Melo (2008, p.79), as festividades do ponto de vista da identidade comunicacional, se caracterizam como processos determinados por fluxos convergentes:

- a) A festa enquanto ativadora das relações humanas, produzindo comunhão grupal ou comunitária em torno de motivações socialmente relevantes. Trata-se de um fluxo de comunicação interpessoal;
- b) A festa enquanto mobilizadora das relações entre os grupos primários e a coletividade, através das mediações tecnológicas propiciadas pelas indústrias midiáticas, em espaços geograficamente delimitados-locais, regionais, nacionais. Trata-se de um fluxo de comunicação massiva;
- c) A festa enquanto articuladora de relações institucionais, desencadeando iniciativas de entidades enraizadas comunitariamente e antenadas coletivamente, que decidem o que celebrar, em que circunstâncias, com que parceiros. Trata-se de um fluxo de intermediação comunicativa, produzindo a interação das comunicações interpessoais e massivas. (MARQUES DE MELO, 2008, p.79)

As contribuições de Luiz Beltrão sobre a folkcomunicação², identificam a comunicação informal, presente na experiência sociocultural comum, ou seja, os estudos folkcomunicacionais favorecem a análise dos contextos onde as manifestações populares acontecem, considerando o espaço e os aspectos simbólicos de significações presentes na cultura popular e como elas “negociam” com a cultura hegemônica.

Nesse novo papel, podemos notar que a comunicação não pode ser apenas compreendida por quem a faz e a produz intencionalmente, ou restringi-la apenas pelo o que é produzido por grandes conglomerados empresariais, mas que os processos comunicacionais estão inerentes às práticas socioculturais não só do emissor, mas também do receptor, que deixa de ter uma postura passiva e passa a assumir uma postura ativa.

O Fandango Caiçara, assim como a devoção à São Gonçalo, são expressões que se encontram e interagem nas festividades da cultura popular da localidade. São essenciais na construção e afirmação da identidade cultural das comunidades, fortalece a articulação, a resistência, a identidade, e a manutenção de suas práticas culturais. O fandango, é uma expressão cultural tem como características as cantigas, os versos improvisados ou de repertórios tradicionais, ou ainda pelos fandangueiros, que também recriam as letras

2. O termo folkcomunicação foi criado pelo professor Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) que dedicou boa parte de suas pesquisas ao tema. É considerado um importante segmento das Ciências da Comunicação a partir de 1960, vem conquistando estudantes e pesquisadores em todo o país. Em 1998, foi criada a Rede Brasileira de Folkcomunicação (Rede FOLKCOM) e as Conferências Brasileiras de Folkcomunicação.

de acordo com acontecimentos cotidianos (trabalho, bailes, natureza, além de eventos históricos e midiáticos). Em novembro de 2012 o fandango caiçara foi reconhecido e tombado como Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Classifica-se em batido (os dançantes usam tamancos e precisam ser preparados, devido à complexidade e variações dos passos) e bailado ou valsado (os pares se mantêm em roda e todos participam, sem coreografia específica). Muitas vezes um homem é o mestre ou puxador, seu tamanqueado é uma referência para os demais batedores.

Na dinâmica do fandango caiçara, não há dança sem a música e não há música sem o encontro entre tocadores. São nos bailes de fandango que o conjunto – música/dança – se aglutinam, nestes eventos sejam diversionais ou religiosos se atualizam as notícias, as relações de parentesco e a camaradagem e, acima de tudo, se vivencia a construção da pessoa por meio da dança. Desse modo, tanto homens e mulheres, para dançar não basta saber os passos, é preciso conhecer os códigos e as marcações como acontece no batido, onde os homens dançam com tamancos.

Originalmente, o fandango está ligado à organização do trabalho coletivo (mutirão), onde o dono da terra a ser trabalhada convoca a comunidade para auxiliá-lo. Vizinhos e camaradas se reúnem para ajudar a erguer uma casa, varar uma canoa, fazer lanço de tainha, ou durante os preparativos para um casamento. Os bailes são acompanhados de mesas fartas (pratos à base de peixe, mariscos, farinha de mandioca e de milho, carne de caça, doces, cachaças curtidas em ervas ou com melado).

As comunidades caiçaras de Cananéia comemoram, com fandango, os aniversários, casamentos, batizados e em suas festas religiosas. Nesses encontros, a comunidade atualiza as notícias e reforça as relações de parentesco, a convivência entre o grupo formado por tocadores e dançadores. A comunidade mantém a memória e a prática das diferentes músicas e danças, e a continuidade do conhecimento musical em torno do fandango e sua evolução.

Entre tantas devoções que fazem parte da religiosidade popular caiçara, destaca-se a devoção à São Gonçalo. De acordo com Francisco Van der Poel autor do *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil* (2013) o santo em questão é de origem portuguesa, viveu na cidade de Amarante em Douro, seu culto iniciou-se em 1279 após a sua morte. Já em nosso país, o culto foi trazido por marinheiros portugueses no século XVI e é difundida em vários estados, principalmente no sul, nordeste e sudeste de maneiras diferenciadas e de acordo com os contextos locais. Comemora-se em muitos lugares do Brasil, o dia de São Gonçalo no dia 10 de janeiro.

O Frei Gonçalo era muito alegre, tocava viola e promovia bailes familiares. É considerado tanto em Portugal como no Brasil como padroeiros de jovens que desejam um bom casamento, e especialmente em nosso país é considerado como protetor dos violeiros, tanto a imagem que o representa é do santo com a viola na mão.

Uma das características da devoção à São Gonçalo, além da musicalidade marcada pelos versos cantados, pela viola e pela rabeca, é a dança. Em diferentes do Brasil, há muitas variações, sendo muito dificultoso estabelecer padrões, em algumas regiões expressa-se como Dança de São Gonçalo, já em outras principalmente nas regiões litorâneas o fandango é dançado também em homenagem ao santo protetor. Nas comunidades

caíçaras de Cananéia, a louvação a São Gonçalo feita na abertura com fandango como pagamento de promessas.

Nesse sentido, tanto o Fandango quanto a festa de São Gonçalo, estabelecem a configuração de identidades híbridas e podem ser consideradas à partir das contribuições de Luiz Beltrão em *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980) como folkcomunicação de conduta, onde consideram-se o trabalho, o lazer, os autos, as danças e as atividades religiosas. Já a partir de Marques de Melo (2008), podemos classificá-las enquanto gênero como folkcomunicação cinética, o fandango enquanto formato: folgado; e a festa enquanto formato: festejo.

A dança além de expressão corporal e lazer, pode ser considerada um gesto voltado para o divino, e reúne simultaneamente caráter religioso e profano, assim como possibilitam a participação, o viver e a comunicação com o mundo. Podemos dizer que o sincretismo é presente em todas as formas de religião e constitui-se como característica central na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos e nas diversas formas de pagamento de promessas e nas festas populares de uma maneira geral.

O Lazer e sociabilidade na cultura caíçara são elementos híbridos, e estão intrinsecamente ligados às construções sociais emanadas de uma religiosidade rústica e popular. Há momentos em que a comunidade se reúne para louvar e festejar o santo padroeiro ou de devoção, através de rezas, terços, cantorias, devoções, novenas, festas, folgados e danças dramáticas, para Ferreti em *Religiões e Festas populares* (2007), afirma que

A cultura popular se exterioriza em grande parte através de festas religiosas. As festas religiosas populares são ocasião para o pagamento de promessas e momentos de lazer em que se desenvolvem laços de solidariedade nos meios populares. A festa religiosa ocorre em determinados momentos do calendário da comunidade e se repete periodicamente. Constitui oportunidade para expressar a capacidade de organização, a criatividade popular, a devoção, o lazer e para se constatar o sincretismo religioso. Nas festas a comunidade se revitaliza, se recria, se encontra e se vê como um todo. (FERRETI, 2007, p.1-2)

Dessa forma, a devoção na religiosidade caíçara é marcada pela intimidade do devoto com a divindade, a comunicação com o sagrado segue um modelo afastado das práticas litúrgicas tradicionais, baseadas nos dogmas e premissas da Igreja. Neste contexto, as práticas religiosas populares se concentram inicialmente no âmbito doméstico e se rompem nos dias santos em rituais festivos como forma de recreação, socialização.

O GRUPO DE FANDANGO BATIDO DE SÃO GONÇALO: FOLKCOMUNICAÇÃO, COLETIVIDADE E AFIRMAÇÃO CULTURAL

Além da pesquisa bibliográfica, buscou-se também compreender a natureza empírica das expressões estudadas, a partir da observação da festa e de entrevista informal com uma das lideranças do grupo de Fandango Batido de São Gonçalo.

O grupo surgiu em 2005, a partir do Projeto Resgatando o fandango caíçara, que teve como objetivo valorizar e divulgar a cultura tradicional caíçara para sua população jovem, buscando reforçar a identidade cultural através da dança e também com a convivência de mestres da cultura popular como violeiros, fandanguinhos e artesão de instrumentos musicais, com realização de oficinas, encontros e apresentações culturais.

Teve um papel de destaque no processo de reconhecimento do Fandango Caiçara enquanto patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2012. Além do envolvimento com práticas religiosas locais, o grupo é forte na articulação da cultura local e faz parte da Associação de Cultura Caiçara de Cananéia (ACUCA). O grupo e suas lideranças buscaram através de diferentes dispositivos, a captação de recursos para restaurar um prédio antigo do casario histórico do patrimônio de Cananéia para a organização da Casa do Fandango, local para oficinas de rabeca, casa de farinha e reuniões.

De acordo com Rodolfo Vidal, violeiro, na época da fundação do grupo era preciso escolher um nome que fizesse sentido. Devido a grande devoção à São Gonçalo por parte da comunidade, fandangueiros e membros do grupo formado principalmente por jovens, foi definido conjuntamente que o nome do santo iria abençoar e dar muita sorte. Foi confeccionado o estandarte com a figura de São Gonçalo que o grupo leva em suas apresentações, para não só identificar-se, mas também marcar a presença do santo no cotidiano do grupo. Após dez anos o grupo se autodomina como a prova viva de que a devoção e a confiança a São Gonçalo é o que os mantém forte e resistentes na cultura local.

Ainda com o membro do grupo, a devoção a São Gonçalo não é só ressignificada no dia 10 de janeiro, conforme calendário religioso, a comunicação com o Santo de devoção é feita também em diversas apresentações, seja em bailes e ensaios. A primeira moda é cantada e dançada em homenagem à São Gonçalo.

Verificamos portanto que para o grupo, o reconhecimento do Fandango Caiçara possibilitou a manutenção da cultura local, porém ainda lutam para estimular nos adolescentes e jovens, o respeito e o orgulho de serem caiçaras, vivenciarem sua cultura, pois acredita que através do fandango presente em suas festividades religiosas e profanas é possível unir a comunidade e provocar vivência entre gerações.

No décimo dia do mês de janeiro de 2015, comemorou-se a sua louvação na Casa do Fandango no município de Cananéia, um dos os festejos em homenagem a São Gonçalo, reuniu dezenas de pessoas de diferentes idades e gerações. A louvação iniciou-se as dezoito horas, ao anoitecer com o levantamento do mastro com estandarte e dança em adoração à São Gonçalo.

Tanto jovens quanto pessoas de diferentes gerações participavam. O grupo de Fandango Batido de São Gonçalo com seus jovens, dançavam em círculo em sentido anti-horário ao som de violas e rabecas, as figuras masculinas marcavam com tamancos e com palmas o ritmo do fandango em frente à imagem e ao estandarte do santo de devoção, assim como as moças dançavam com suas saias rodadas. Nesse momento à comunicação entre devotos e santo era estabelecida. Além das orações cantadas, a musicalidade dos instrumentos e dança, a comensalidade também fez parte das comemorações, o comer junto, o momento de partilha foi realizado com alimentos da terra, com café feito no fogão a lenha, banana assada e bolinho de chuva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fandango Caiçara encontrado no litoral paulista, mais precisamente em Cananéia é uma manifestação cultural popular associada ao modo de vida caiçara e sua organização de trabalhos coletivo, assim como está presente e vivo na organização de clubes de baile, de festas comunitárias e formação de grupos artísticos. Além de continuar a

tradição em eventos religiosos como as festas de santos padroeiros, romarias do Divino, Festa de São Pedro, louvação a São Gonçalo.

O fandango dançado em devoção a São Gonçalo é um processo híbrido e insere-se enquanto processos e meios de comunicações no cotidiano de Cananéia: fluxos e trocas, pois através deles circulam pessoas, saberes, tocadores, dançadores, festeiros, instrumentos, versos, articulando a vida social caçara num todo sistêmico.

Seja nas visitas entre sítios e bairros urbanizados ou não, em apresentações de grupos de fandangeiros, em festas comunitárias e religiosas ou em eventos regionais e nacionais, o fandango e a devoção ao santo dos violeiros, seguem suas trilhas atuando como ponto de contato, aproximações e encontros de pessoas e comunidades que tecem relações a partir de historicidades próprias, onde o sagrado e o profano fazem parte da mesma realidade e experiência coletiva.

O grupo de Fandango Batido de São Gonçalo, além de expressar sua devoção, através de suas ações possibilita experiências comunicativas de troca e diálogos inter-geracionais, afirma-se aí a dinâmica que envolve as manifestações culturais populares. Neste circuito entre fandango e a fé, criam-se redes onde as trocas ocorrem em nível material e simbólico, trocam-se e comunicam-se: gratidão, sentimentos, versos, fotografias, instrumentos, afinações, saberes de uma identidade em constante construção.

REFERÊNCIAS

Livros:

- BELTRÃO, Luiz. (1980) *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez.
- CANCLINI, Nestor Garcia. (2006) *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo: Edusp.
- DIEGUES, Antônio Carlos. (2001) *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- . (2004) *Enciclopédia caçara volume 1: o olhar do pesquisador*. São Paulo: Hucitec.
- ELIADE, M. (1991) *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes.
- FERRETI, Sérgio. (2007) *Religião e Festas populares. XIV Jornada sobre alternativas religiosas na América Latina*; Buenos Aires-Argentina.
- HALL, Stuart. (2011) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- . (2008) *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2008.
- MARQUES DE MELO, José. (2008) *Mídia e Cultura Popular: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus.
- POEL, Francisco. (2013) *Dicionário de religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura.
- SAID, EDWARD W. (1999) *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHIMIDT, Cristina. (2009) *Folkcomunicação: caminhos enunciados pela era digital. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009. Curitiba-PR. Resumos...* Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p.01.
- WILLIAMS, Raymond. (1979) *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.

Sites e documentos eletrônicos:

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. (2012) *Campanha contra as barragens no Ribeira* 2012.

Recuperado em 20 de dez., 2013, de: <http://site-antigo.socioambiental.org/inst/camp/Ribeira/comunidades>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. (2001) *Dossiê do registro do Fandango Caiçara*. Recuperado em 10 de mar., 2015, de <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3957>.